

CUIDADO DE SI, MODOS DE VIDA E PRÁTICAS DE LIBERDADE: O FAZER-SE GAY EM CIDADES PEQUENAS

Emerson Martins¹
Rogério Machado Rosa²
Maria Juracy Toneli³
Adriano Beiras⁴

Resumo: Este artigo parte de uma pesquisa que buscou compreender como sujeitos homossexuais de cidades pequenas e zonas rurais produzem verdades sobre si ao resistirem à dominação da heteronormatividade. Nele refletimos sobre como o ato de homens gays voltarem-se para si produzem a possibilidade de escolher pela liberdade, por práticas políticas de igualdade, por subjetivações que fissuraram as normas voltadas ao corpo-gênero-sexualidade, colocando-se em uma relação de resistência ou de sujeição ao poder. Para tal, inspiramo-nos nas pistas cartográficas perseguidas na relação entre nós, os autores, e três dos seis participantes da pesquisa: Jeraldi, Diego e Rafael. O fazer-se gay frente a transitoriedade dos processos de objetivação coloca a esses sujeitos a contingência de visibilizarem a verdade de suas existências para si e para os outros, pela construção de territórios de dissenso e de constituição de comunidades políticas. Sendo essas algumas das práticas que os participantes de nossa pesquisa se utilizaram para inventar-se como sujeitos, para fazerem-se o que são.

Palavras-chave: Cuidado de si; Modos de vida; Homossexualidade; Cidades pequenas; Resistência.

Abstract: This article is part of a research that sought to understand how homosexual subjects from small towns and rural areas produce truths about themselves by resisting the domination of heteronormativity. In it we reflect on how the act of gay men turning to themselves produces in them the possibility of choosing for freedom, for political practices of equality, for subjectivations that have broken the norms focused on the body-gender-sexuality, placing themselves in a relationship of resistance or subjection to power. To this end, we were inspired by the cartographic clues pursued in the relationship between us, the authors, and three of the six research participants: Jeraldi, Diego and Rafael. Becoming gay in the face of the transience of objectification processes places these subjects in a contingency of making the truth of their existence visible to themselves and others through the construction of dissenting territories and the constitution of political communities. These are some of the practices that our research participants used to invent themselves as subjects, to do what they are.

Keywords: Care of oneself; Ways of life; Homosexuality; Small towns; Resistance.

¹ Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. E-mail: emerson.martins@ufss.edu.br.

² Professor da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Doutor em Educação pela UFSC. E-mail: rogeriorosa.ufsc@gmail.com.

³ Professora da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo - USP. E-mail: juracy.toneli@gmail.com.

⁴ Professor da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Doutor em Psicologia pela UFSC. E-mail: adrianob@gmail.com.

Introdução

Temos que nos esforçar em nos tornar homossexuais e não nos obstinarmos em reconhecer que o somos”.
(Michel Foucault)

Este artigo é desdobramento de uma pesquisa⁵ que buscou compreender como sujeitos homossexuais de cidades pequenas e zonas rurais produziram verdades sobre si que foram usadas por eles como ferramentas de resistências às dominações, às normatizações e à heteronorma. Elegemos para este momento apresentar como o ato de voltarem-se para si (de problematizarem/enfrentarem as verdades ditas sobre si) produziu neles a possibilidade de escolher pela liberdade, por práticas políticas de igualdade, por subjetivações que fissuraram as normas voltadas ao corpo-gênero-sexualidade, as suspenderam, as transgrediram.

Para tal, inspiramo-nos nas pistas cartográficas perseguidas na relação entre nós, os autores, e três dos seis participantes da pesquisa: Jeraldi, Diego e Rafael. Trata-se de experiências de jovens que viviam, à época, no interior do Sudoeste do Paraná, Brasil. A partir de uma leitura foucaultiana, objetivamos não explicar a homossexualidade, mas, apresentar nosso olhar sobre experiências e práticas de resistência de sujeitos que vivem em cidades pequenas e que se auto intitulam, ainda que não fixamente, homossexuais.

Foucault chamou de “foco de experiência” uma análise que articula a “forma de um saber possível, matrizes normativas de comportamento, modos de existência virtuais para sujeitos possíveis” (2010, p. 04). Os discursos normativos e os dispositivos da sexualidade interpelam, modificam, normatizam, fabricam e recriam estratégias e processos de subjetivação política como experiências de resistência e transgressão desses homens que se autodenominam homossexuais.

O pensamento de Foucault, particularmente, o voltado para a dimensão ético-política do cuidado de si e dos processos de subjetivação, foi a ferramenta teórica utilizada por nós para demonstrarmos que a possibilidade de descrever os/as outros/as pré-definem, relacionalmente, como esses/as outros/as são vistos/as. A possibilidade de descrever o outro é, como chamam os antropólogos, uma “magia simpática” que produz dispositivos, que são ferramentas de controle, e por que não dizer, alienantes, no sentido de buscar a dominação,

⁵ Ver: MARTINS, E. *Uma hermenêutica da homossexualidade: o fazer-se gay como prática política de liberdade em cidades pequenas*. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis - SC.

e, portanto, constituintes da esfera política: contestação, consenso, subversão, conflito, disputa.

Das pistas foucaultianas para uma hermenêutica da homossexualidade

“Pois não quereis sentir e seguir um fio com a mãe covarde; e, onde podeis intuir, detestais deduzir...” (Friedrich Nietzsche)

Os sujeitos de nossa pesquisa encontravam-se fora da normatividade, são sujeitos à margem da heterossexualidade: ou se adequam à norma, ainda que isto os dilacere, os coloquem em abjeção; ou transgridem, resistem, afirmam-se em suas diferenças. Nosso empreendimento, enquanto pesquisadores, foi compreender, como esse(s) ato(s) de resistência(s) são efeitos do cuidado de si, das práticas de existência e de uma subjetivação política.

O problema das relações entre o sujeito e a verdade se circunscreve, para Foucault, nos quadros gerais de uma análise histórica, apresentada por ele nos cursos de 1981 e 1982, sobre o cuidado de si na Antiguidade Clássica ou Tardia. A partir desses cursos, Foucault orienta-se para os processos de subjetivação considerados em si mesmos, afirma ele, “é preciso ser para si mesmo, e ao longo de toda a sua existência, seu próprio objeto” (2004, p. 601) de constituição ética de si. São as técnicas de si, que se configuram em

procedimentos, que, sem dúvida, existem em toda civilização, pressupostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimentos de si por si (FOUCAULT, 2010, p. 462).

Entendemos que se voltar para si é compreender a diferença como uma possibilidade de fazer escolha por sua existência; é um cuidado de si, uma produção de modos de vida não precários. É resistir, então, ao governo dos outros (FOUCAULT, 2013) e às suas verdades, possibilitando fabricação de novos modos de vida.

Foucault (2013a, 2013b, 2004) ao analisar o “ocupar-se consigo” (o “*epiméleiaheautoû*”, literalmente, o “cuidar de si”) e sua conexão com o “conhecimento de si” (“*gnôthiseautón*”) cria uma hermenêutica das práticas de si. Nessa direção, neste artigo, refletimos sobre nosso encontro com sujeitos reflexivos frente às formas de sujeição e dominação: compreendo-os pela via da subjetivação.

Assumimos que não há verdades, que não há fatos, “há versões”, como diria Nietzsche (1992). As interpretações da verdade, como se sabe, manifestam-se nas interpretações religiosas, científicas, filosóficas e de cada sujeito dito vivo, mas são, afinal, um exercício cotidiano de “elucidação de sentido” (VEYNE, 2011, p.26). São jeitos situados de olhar e dizer de si e do mundo, como nos lembra Foucault (2008),

interpretar é uma maneira de reagir à pobreza enunciativa e de compensá-la pela multiplicação do sentido; uma maneira de falar a partir dela e apesar dela. Mas analisar uma formação discursiva é procurar a lei de sua pobreza, é medi-la e determinar-lhe a forma específica (p. 136).

Ao “pesar o “valor” dos enunciados” caracterizamos a precariedade em que estes ocorrem e suas manifestações cotidianas. Neste sentido, o acontecimento discursivo - seja ele a homofobia (POCAHY, 2007), a misoginia, as manifestações de práticas culturais normativas, hierarquizantes e excludentes –, pode ser perseguido pelo reconhecimento de estratégias de montagem, pela detecção dos momentos de interpretação daquilo que é considerado abjeto, menor (SCHENKEL, 2003), importante ou maior.

O reconhecimento e a constituição de si mesmo, pelo próprio sujeito, desdobra-se do poder, isto é, há poder dos outros sobre outros e também há poder de si sobre si. Para nós, esta é a inspiração maior em Foucault, compreender as experiências - e quiçá participar delas - de sujeitos resistentes à (hetero)norma e que operaram reflexivamente sobre si, sobre as verdades que se contam do mundo, do sujeito, do desejo e da própria verdade.

A homossexualidade, ainda que em um período histórico tenha sido relegada ao anormal, emerge na vida dos participantes da pesquisa como possibilidade de desejo e de existência, como prática e cultura, como experiência, em uma clara contestação/ruptura/desinência das contingências da época vivida. A homossexualidade manifesta-se como uma historicidade insurgente, antagonista, transitória, fictícia, fluída e necessariamente ético-política. As resistências, como as entendemos, são por excelência atos políticos; as estratégias produzidas instauram um território de experiências que politizam e estetizam o dizer, o fazer, o sentir e a própria existência. Destacaremos, ao longo desta análise, a experiência de três sujeitos homossexuais e sua potência para pensar a política ou sua estetização como resistência, como as práticas políticas de liberdade contra a normatização, contra o assujeitamento, contra os dispositivos e contra seus processos de subjetivação assujeitados.

Do “você é gay(?)” ao “eu sou gay”: tornar-se quem se é

“Errante sou em todas as cidades, e me acho de partida em todos os portões.”
(Friedrich Nietzsche)

Foucault, no livro “A hermenêutica do sujeito”, problematiza as relações históricas entre subjetividade e verdade. Ao fazê-lo, demonstra suas diferenças com relação à modernidade e ensina-nos a importância política de nos ocuparmos - pessoal, acadêmica e eticamente - com as práticas políticas de resistência ao poder: na relação de si para consigo. A pesquisa nos atravessou por experiências de acesso a “arquivos” de outros a respeito da importância da amizade, do refletir e do “tornar-se” sujeito homossexual em cidades pequenas.

Assim, a fórmula “tornar-se quem se é” não pode ser compreendida, da como o percurso que conduz à atualização de uma essência. Ela não é da ordem de um imperativo ou de uma finalidade, mas é antes, a descrição de um processo inteiramente imanente: a vida é o percurso no qual alguém se torna (vai se tornando, não cessa de se tornar) quem é (...) o encontro fortuito com as circunstâncias de uma vida vai transformando, esculpindo um “eu” (ROCHA, 2007, s/p).

As experiências dos participantes da pesquisa, do trabalho que operaram em si próprios, das proposições que fizeram sobre o que deviam fazer de si mesmos para fabricar a integridade de si como sujeitos, aparece na narrativa de Jeraldi. Quando perguntamos a ele se havia se apaixonado na adolescência, disse-nos:

Menino, eu acho que não, porque eu era tão inocente para me apaixonar por um menino ... tão inocente. É, eu fui me descobrir menino com 15 anos. Menino com corpo e com órgãos sexuais. Masturbar, eu me masturbei a primeira vez com 15 anos. Talvez por isso que eu não, não, talvez por eu não ter contato com meninos. Foi uma coisa meio que descoberta completamente. Descobri meu corpo (JERALDI, DC, 2015).

Como Jeraldi mantinha pouco contato com meninos, acabou descobrindo a masturbação lendo uma coletânea de psicologia freudiana, sob o conceito de onanismo. Foi descobrindo aos poucos que não era “errado” a masturbação, mas ao mesmo tempo guardava um pouco de culpa, pela criação religiosa que havia tido, e, claro, pela eficiência dos discursos higienistas e médicos. Destaque-se aqui o sucesso do projeto do “governo dos vivos”: a produção de um corpo dócil. Sim, Jeraldi não era uma criança “onanista” por inúmeros motivos, mas o que nos interessou foram os resultados sobre a sua sexualidade, uma sexualidade desviante, e que, portanto, ou deveria ser corrigida ou mantida inerte.

Essa tênue relação de Jeraldi com a sexualidade suscita-nos a noção de “sujeito de desejo”. Nela, por séculos e por ocasião de diversos discursos e propósitos, seja a ascese grega, a ascese cristã ou a ascese liberal, o desejo foi considerado aquele impulso degenerado que devia ser contido, sabido, controlado e, se necessário, punido. Desde Santo Agostinho há uma negatização do ato sexual valorizado pelos gregos clássicos até os estoicos como relacional e social. Na patrística, o sexo passa a ser algo da relação consigo mesmo, uma individuação que deveria ser perscrutada pelo próprio indivíduo, confessada e purificada, por meio inclusive da abnegação. Diz Foucault,

ter-se-á passado então para um regime no qual, justamente, a relação do sujeito com a verdade não será apenas comandada pelo objetivo: “como tornar-se um sujeito de veridicção”, mas terá se transformado em: “como poder dizer a verdade sobre si mesmo” (2010, p. 323).

O fantasma da confissão ao outro, não como cuidado de si, mas como controle, como um tipo de instrumento para a ascese necessária à salvação, ainda nos assombra de muitas formas. Consideramos que a noção de corpo dócil esteja mais presente do que a de pecado na constituição de sujeito Jeraldi. Sua relação quase preguiçosa com o corpo durante a adolescência foi mais um efeito da dominação heterossexual como dispositivo do que o medo da danação eterna. Isto se observa também na experiência de Diego, que em sua relação com a questão da homossexualidade foi, segundo ele, bastante tardia, aos 23 anos. Ele conta que:

quando eu morava em Santa Catarina, eu acreditava que eu era hetero. Porque isso era uma coisa que era praticamente imposta para mim: casamento, filhos. Por mais que eu acreditasse que eu poderia ser homossexual, eu tentava colocar na minha cabeça que aquilo ali não era verdade. Porque eu estaria indo contra os princípios da minha família (JERALDI, DC, 2015) .

O universo da orientação sexual estava muito distante das práticas pessoais, sexuais, culturais e simbólicas, de Jeraldi e de Diego. Entretanto, isso reverberou de outra maneira em Diego. Pois, como patinador, acabava tendo que lidar com a sexualidade de maneira um pouco distinta. Para Diego, negar a homossexualidade que poderia existir em si era uma estratégia de sobrevivência, de convivência. Sua família havia feito uma espécie de contrato para que ele patinasse, isto é, poderia patinar, desde que não se tornasse, o que “todos os patinadores são”, gay. Ou seja, menos que a questão sexual, o que estava em jogo, para Diego, era a construção de uma carreira, a qual sempre estava por um fio, pela ficção de que ele era gay. Tanto isso era pertinente, que quando finalmente saiu da cidade para trabalhar como professor de patinação, a mãe o fez prometer que voltaria para a cidade e

provaria que eles, a cidade de Iporã do Oeste, estavam errados sobre ele, sobre sua orientação. Enfim, não estavam.

Diferentemente de Diego, Jeraldi lidava com isto de outra topologia. Afirma ele,

eu pensava assim, “gente do céu, como é que essas pessoas (de sua cidade) (pensam isto)?” É que, imagina, as pessoas falarem que você é gay com 9 anos. Gente, eu nem sabia que eu tinha pênis (...) (risos), mal sabia que o meu funcionava com 9 anos ... Eu não sabia que fazia gozar, que fazia as pessoas sentirem prazer loucamente com isso. (risos). É que uma ereção, sim, ela dá prazer, mas ela não dá prazer de um gozo, por exemplo. Então, se você não se estimular, você nem sabia que aquilo ali é para estimular, entende? então, como é que você vai ser gay? (JERALDI, DC, 2015).

Jeraldi explica que sua orientação sexual não era um tema que ele se debruçava, porque não sentia interesses sexuais pulsantes. Por outro lado, o relato também nos faz pensar a diferença de gênero desviante e orientação sexual desviante. Somos interpelados já desde muito pequenos, antes mesmo de ter claro uma orientação sexual, sobre a questão do desvio de uma norma de gênero masculino, de como deve ser um homem, por transgredir dita norma e seus signos locais.

Ao chegar para estudar na UFFS, Jeraldi relata que encontrou pessoas que o interpelaram sobre isto, possivelmente por ser um homem que apresentava traços e características consideradas femininas ou alusivas a uma expressão de homossexualidade. Afirma ele, “alguém que disse ‘você é gay, né? Você parece gay. Você é gay?’. Eu falei, ‘oh, as pessoas muito abertas a isso’, entendeu? Eu falei, ‘eu acho que sou, não sei, talvez’, assim, desse jeito. Porque eu não sabia mesmo, nem nunca tinha nem pensado”.

Jeraldi afirma que sua resposta é incentivada pela forma alegre como foi perguntado. Parecia não haver julgamento de valor, ao menos negativo. Ele sentiu-se seguro e pode defrontar-se com uma subjetividade a que não estava acostumado. Havia franqueza na pergunta e na resposta, ainda que ele não pudesse precisar a última: “‘eu acho que sou, não sei, talvez’”. E segue Jeraldi,

é mais assim, tu sabes, elas perguntaram de uma forma, não perguntaram estamos aqui nós dois e perguntaram. Elas chegaram na frente de um monte de gente, entende? Daí, então, desde aí eu percebi. E quando as pessoas me chamam de gay lá em Salgado Filho, não era uma cara feliz. Era como uma coisa ruim, como uma chacota mesmo. E aqui, em Realeza, já, não é (JERALDI, DC, 2015).

Ao se defrontar com este dizer alegre, Jeraldi começa a se imbricar com sua sexualidade, “porque não era uma coisa ruim aqui eu dizer que eu era (gay). Não tinha o mesmo impacto que aconteceria lá (cidade natal)”. Ele passa, então, a contemplar-se,

vislumbrar-se como sujeito de um desejo gay, homossexual. Foucault (2013a), ao analisar a terceira parte das “Questões Naturais”, de Sêneca, e ao falar sobre a morte, fala também de liberdade. Diz-no ele, em entrevista no *College de France*, utilizando-se também do filósofo estoico, “ser livre é fugir da servidão a si mesmo” (1966, s/p). O “talvez” de Jeraldi indica essa liberação do endividamento adquirido pelas tantas vezes que foi interpelado pelo mesmo enunciado “você é gay”. Agora, sobretudo, como uma questão, dando-lhe espaço para dizer sobre si e ser ouvido pelos outros, um momento de partilha do mundo sensível (RANCIÈRE, 2000), um momento político. Supomos que o “talvez” signifique, para Jeraldi, seu compromisso em dedicar-se sobre esta interpelação, mas não mais como um peso, um compromisso, e sim como uma ocupação de si que liberta e traz alegria, uma partilha. Destaque-se também nesta partilha a própria significação de ser gay para as pessoas de Realeza. Jeraldi torna-se gay a partir do outro, na experiência do outro e das configurações locais de inteligibilidade da diferença, na alteridade.

Os sistemas de oposições fixas, de modelos convencionais, escondem o grau no qual assuntos aparentemente apresentados como opostos são interdependentes (SCOTT, 1999). E é neste dissenso, nesta desarmonia, nesta visualização da instabilidade, presentes no enunciado “você é gay(?)”, proposto como comum, estrutural e natural, que se torna possível a coexistência de diferentes (sujeito da norma e desviante) no mesmo território. A partir da instauração deste dissenso, não há mais a dominação de uma diferença pela outra, ainda que de forma precária, como todo momento político. No momento em que os sujeitos questionam sobre a orientação de Jeraldi, partindo de um modelo convencional, estão na realidade estabelecendo fissuras nas oposições fixas que perpetuam uma visão unívoca de mundo heteronormatizado, sedimentada num sistema linguístico estereotipado (SCOTT, 1999).

Essas fissuras abertas nas verdades seculares sobre a sexualidade, sobre as relações, sobre os modos de vidas possíveis, são efeitos das experiências e dos fluxos que a vida proporciona. Quando Diego migra, de Iporã do Oeste para Realeza, não esperava encontrar algo muito diferente das práticas culturais que já vivia, haja vista a similitude das cidades, mesma colonização, religião, população. Porém, nada seria como antes na nova vida de Diego, conta ele:

o meio onde eu vivia era um meio que não tinha muita informação. Quando eu vim morar em Realeza, na verdade foi um choque de realidade. Porque as primeiras pessoas com quem eu fui morar, foram 3 homossexuais, que estudavam na UFFS. Então, eu já cheguei e dei de cara

com uma pessoa que estava namorando um outro menino. Isso para mim foi uma coisa muito estranha, foi um baque, sabe? (DIEGO, 2017, DC).

A acolhida de Jeraldi pelas meninas e a chegada de Diego em Realeza, ressaltam a importância fundamental que outros sujeitos, em uma relação horizontal, desempenham na constituição de sujeitos não assujeitados. O que também incide na criação de possibilidades de subjetivação política das diferenças e de práticas políticas de liberdade e de verdade. Foucault afirma que “em seu ato de dizer a verdade, o indivíduo se constitui e é constituído pelos outros como sujeito que pronuncia um discurso de verdade” (FOUCAULT, 2011, p. 04). Destacamos a fala de Diego:

todo esse processo que eu passei aqui em realeza, tanto como professor, como patinador, como pessoa pública aqui no município. Isso foi amadurecendo muito a minha mente. "N" situações que foram acontecendo na minha vida, no decorrer da minha vida inteira até hoje, pelo fato de eu querer minha felicidade (DIEGO, 2017, DC).

A busca da felicidade por Diego - como este estado de liberdade e igualdade - pressupõe, por sua parte, criar práticas e cuidados de si e de seus interlocutores que privilegiem a disponibilidade de ouvir a verdade desses outros sujeitos, que, se apegados a verdades fixas e culturais, cerceariam a possibilidade de dizer a verdade, fragilizando-a e imobilizando-a. Por outro lado, esta comunicabilidade não ocorre com a relação de Diego e sua família. Ele conta que:

no início de 2015, em janeiro, ‘assumi’ para a minha família e foi um processo bem complicado, porque a minha família me rejeitou bastante, né? Tanto que devido eu ter convivido com o pessoal da universidade, ter conhecido pessoas, então, isso me motivou bastante a contar para a minha família. Na verdade, assim, se fosse hoje, se eu não tivesse falado naquela época, tivesse tido coragem. Eu acho que eu teria demorado bem mais tempo. Na época, foi uma coisa bem clara que eu tive, que eu era homossexual e que eu tinha que contar para a minha família. Porque a partir disso eu iria ser bem mais livre, porque não tinha muita coisa que iria me impedir de fazer as coisas que eu gostaria de fazer (DIEGO, 2017, DC).

A alteridade e a convivência com a diferença levam Diego a voltar-se para si. Naquele momento, aqueles sentidos adquiridos pela experiência, fabricam e recriam posições para melhor se pensar e repensar uma identificação com modelos, que muitas vezes presentes no imaginário como negativos e não-aceitáveis, que não mais ignoram as acusações, mas ressignificam-nas como possibilidade de vida e de existência.

Neste processo de subjetivação por meio da resistência, da política, Diego não abandona a complexidade da relevância do que importa para os dispositivos, mas passa a

exigir de si mesmo uma veridicção das verdades e normas ali existentes, fabrica-se sujeito da sua verdade. Opera negociações consigo e com a própria família na direção de manter sua liberdade, de “correr atrás do que queria”.

As experiências de Jeraldi e Diego indicam modos de subjetivação que fabricam/engendam “desvios”, resistências, que se opõem ao plano (hetero)normativo da regulação, dos dispositivos de sexualidade e resistem às dicotomias de gênero. Estas experiências subjetivas são possibilidades de produzir fissuras, borramentos e fraturas nas relações de poder, produzindo resistências, transgressões, politização e estetização. São experiências fabricadas no contato com o mundo globalizado, as mídias, os conflitos religiosos e de toda ordem, a volatilidade econômica, a concentração de poder político, as tecnologias, a produção acadêmica, entre outros.

O encontro cartográfico com as narrativas destes dois participantes, destaca a importância da visibilização de estratégias políticas ou modos de vida que desconstroem e funcionam como mecanismos de resistência às poderosas tendências que explicam o mundo em termos binários e reducionistas, que tentam impor uma ordem e uma igualdade, as quais são fictícias. Ao cartografar esses sujeitos, seus momentos, suas experiências e seus discursos, vislumbramos as interpretações e contraposições que agenciam na resistência à racionalidade da matriz sexo/gênero, ao consenso sobre as masculinidades, à normatividade da heterossexualidade – mas, também, da homossexualidade -, à vigilância e ao controle presente nas cidades pequenas.

Territórios e posição do sujeito: entre as práticas de resistência e o assujeitamento

“O discurso, por mais que na aparência seja pouca coisa, as proibições que recaem sobre ele revelam algo, muito rapidamente, sua vinculação com o desejo e com o poder” (Michel Foucault)

O processo de normalização/normatização da homossexualidade promove uma ênfase na divisão dicotômica e binária, na heteronormatividade e na concepção do que sejam os homens de verdade (WELZER-LANG, 2004) - os legítimos. Tal processo reforça a lógica de uma masculinidade hegemônica. Subjetivamente são produzidas significações e invisibilizações de narrativas para dar o caráter da dominação como aceitável e praticável. Isso enfraquece a criação de estratégias dos homossexuais para um enfrentamento ético e político das violências que aquelas relações de poder engendam. Bem como, despoltiza as possibilidades de subjetivações outras e da criação de estratégias para resolução de conflitos, de desconstrução dos discursos dominantes e da mudança de paradigmas e

hegemonias.

Para Foucault (2004b), o corpo ou “essa luta pelos corpos” é “que faz com que a sexualidade seja um problema político”. Em uma perspectiva de governamentalidade, o corpo é uma instrumentalização, resigna uma necessidade de submissão e docilização. Esse domínio do corpo pela governamentalidade leva à possibilidade de que os corpos não sejam mais percebidos como sujeitos ou povos, mas como população, seus fenômenos e variáveis específicas, traduzido por taxas, estatísticas e expectativas (FOUCAULT, 2013). Encontra-se justamente aí, no controle dos governos e na vontade de saber e em sua relação com o fazer o sexo conhecido, a questão da necessidade do dispositivo da sexualidade. Nas palavras de Gebara, “onde o erótico é negado, estabelecem-se relações de domínio, controle, exclusão e opressão” (GEBARA, 2001. s/p). As instituições políticas, jurídicas, religiosas, médicas, se disponibilizaram, ou talvez tenham sido criadas para isso, a controlar o mais íntimo e privado que se possa alcançar com a produção de enunciados e consequentes “verdades” daquilo que é dito e do não-dito.

Nesta ótica, algumas vivências são/se tornam mais típicas de grupos, de contextos e de interações, considerados desviantes da norma, demonstrando que há uma espécie de hibridização dos sentidos de masculinidades produzidos na contemporaneidade. Percebe-se que há manifestações de modelos de sociabilidade, de modos de subjetivação masculina, que questionam a hegemonia heterossexual - mesmo que não abandonem a relação de domínio: dos homens sobre as mulheres; ou de heterossexuais sobre homossexuais; ou de um tipo de masculinidade imposta aos próprios homens, ou a quem quer que seja (ou a que corpo que seja).

Rafael, outro de nossos cartografados, o qual teve uma relações e experiências distintas sobre se dizer gay ou homossexual, afirma:

eu nunca cheguei para alguém e disse, eu sou heterossexual, assim como eu nunca cheguei para alguém e disse eu sou homossexual, eu não vejo que isso seja importante, assim como eu nunca neguei. Se alguém me perguntar, eu não vou negar. Entendeu? (RAFAEL, DC, 2015)

Destacamos que Rafael é o único dos participantes que já residia em Realeza antes da chegada da universidade. Outro fator importante é que possui uma masculinidade bastante adequada à hegemônica, o que lhe permite um outro estatuto, que o coloca sob menos suspeição, e, portanto também é menos cobrado no parecer gay. Por outro lado, em realidade, Rafael irá confrontar-se com seu assumir-se gay em outros territórios.

Em Realeza, parece-nos que indiferente da adequação da masculinidade, um sujeito

homossexual, ainda que não “pareça”, também sofre com contingências e suscetibilidades à violência, em razão ao evidente conservadorismo heteronormativo e a pertinente vigilância. Esses processos de resistência, de estetização e de politização, como deslocadores das problematizações do ser gay ou parecer gay ou se dizer gay, atuam na clássica distinção de ser discreto e de suas benesses.

a discrição – enquanto signo de masculinidade – parece assegurar a inteligibilidade social desses homens, “autorizando” sua própria existência. Desse modo, seus corpos tornam-se viáveis não apenas na cultura, mas, sobretudo, no espaço de trocas de parcerias afetivas e sexuais (LOPES, 2011, s/n).

A literatura especializada tem ressaltado que em muitos casos as demandas individuais e as demandas dos movimentos sociais revelam territórios de encontros e desencontros entre o movimento social (FACCHINI, 2005), comunidade acadêmica (RAMOS e CARRARA, 2006) e pessoas LGBTT, por sua pluralidade intrínseca. Nem todos os sujeitos homossexuais possuem a demanda do assumir-se ou da revelação, ainda que resguardem, como no caso de Rafael, a importância de certas interpelações nas relações sociais.

Parece-nos, como para Ferrari (2004), que o movimento gay no Brasil (MOTT, 2003) e sua ligação com as possibilidades derivadas de sua existência como processo educativo prescindem de mais análises sobre o potencial político de engajar-se/resistir às normatividades e aos discursos hegemônicos. Isto porque o sentido de produção de um conhecimento, ulterior aos seus integrantes e à homossexualidade, destaca as questões da intimidade e de sua relação com passado-presente e público-privado.

A lógica de tornar o sexo algo estritamente do privado contribui para argumentações de que a orientação sexual do desejo também o seja, promovendo uma inviabilização das relações homossexuais de maneira mais pública. De alguma maneira, essa lógica se corrobora nos discursos e práticas das experiências homossexuais de outros nas cidades natais de nossos participantes. Todos os participantes da pesquisa frisaram as poucas referências positivas de homens gays naquelas cidades. Jeraldi afirma que em sua cidade natal há um “destino” para os homens e mulheres. Afirma ele,

se eu fosse homossexual e casasse, se eu quisesse (estar com homens), eu teria que ter uma relação por fora. Tipo, na minha cidade tem um homossexual, na minha comunidade. ... E ele sempre teve cabelo comprido, às vezes, parece meio trans, sabe? Mas ele é homossexual, se diz homem. (...) (ele transa com) os amigos dele, que ele traz. Sei lá, de outra cidade. É que é estranho, aí entra numa coisa assim, é difícil, eu ficava com a cabeça muito confusa quando eu conversava isso (com

minha mãe), né? porque eu sabia que os homens solteiros da época dos meus pais, dos meus tios, que eles iam lá, sabe? Eles frequentavam a casa dele e tinham sexo com ele. (JERALDI, DC, 2015)

Isto pode justificar como era confusa a ideia da homossexualidade a partir dos exemplos que Jeraldi acessava em sua cidade. Afirma ele ainda,

eu nunca vi isso como uma coisa que eu achasse interessante [ficar com homens heterossexuais]. É que para mim é meio ilógico. Eles não são homossexuais, sabe? Eu nunca via isso. Porque eu pensava, o que seriam homossexuais? então, todos são? eu não conseguia abstrair direito essa informação (JERALDI, DC, 2015)

Jeraldi fala dos afetos “mal-ditos” (FERREIRA, 2006), desses jogos que ocorrem no interior, da negociação tácita entre comunidade e sujeitos desviantes, que são autorizados a fazer suas práticas, sem, em consequência, torná-las públicas. No caso, uma complexa relação entre público e privado, pernicioso e atenta. Ele conta como ocorria:

E este homossexual ele se dá bem com todo mundo na comunidade, sabe? É uma questão a se conversar.... É muito estranho... Ele vai na igreja. Sabe, parece que ele tem um lugar naquela sociedade, entende? Todo mundo sabe que ele é homossexual. (...) Então, tipo sem ninguém ver, mas tipo, mais adolescentes, eu acho que é uma coisa assim, jovens e adolescentes. (JERALDI, DC, 2015)

Nesta medida, pensar o público e o privado remete às situações colonialistas e exploratórias ocorridas no processo de formação do Estado-nação brasileiro. Estas situações ainda se perpetuam nos grandes centros e possivelmente mais marcadamente nas cidades do interior, nas cidades pequenas e em comunidades transpassadas pela ruralidade, religiosidade e conservadorismo, como é o caso da comunidade de Jeraldi.

O privado e o público (AGUIAR, 2012), sociologicamente falando, estão íntima e perversamente interligados. Eles produzem um sistema hierárquico de dominação que incorpora as dimensões da sexualidade heteronormativa, da reprodução sexual, da relação heterossexual, de transmissão de herança, tantoem questões de gênero, como socioeconomicamente, reafirmando uma sociedade extremamente patriarcal, heteronormatizada e binária. Jeraldi, portanto, se posiciona contra os discursos reféns da normatividade, que agem nos corpos e no desejo.

Sobre isto, Rafael afirma que a lógica nas cidades pequenas é “castrar” o desejo e os modos de vida dissidentes, não combatendo-os, mas extenuando-os, deixando-os na escuridão do não-dito. Na tentativa de explicitar como isso ocorre, lembra-nos que teve a possibilidade de morar, de fazer um estágio, no litoral catarinense, em Florianópolis, na UFSC, por seis meses. E ao perguntar-lhe “como foi [tal experiência]?”, disparou:

nunca transei tanto na minha vida (risos altos). Olha, eu tinha que ligar desmarcando o negócio, porque eu precisava ir para a aula. Eu transava de manhã, de tarde e à noite... Eu estava lá para conhecer pessoas (risos). Minha professora orientadora mesmo quem disse isso (risos), "vá se fazer conhecido", (risos) mas eu acho que não foi nesse sentido (risos), depende de como você encara as coisas (não dá para entender, ria demais) (RAFAEL, DC, 2015).

"Fazer-se conhecido", fazer-se homem, tornar-se gay. O processo de intercambio de Rafael é primordial para entender o próprio processo de interesse, de desejo e de normatização ocorrido nas cidades pequenas. Ele foi alguém que sempre subjetivou seu desejo naqueles que são "de fora"; de repente, tem a possibilidade de sua diáspora, ainda que com tempo restrito, seis meses. A busca pelos corpos resultava em encontros de conhecimento e autoconhecimento. Possibilidades de viver amizades intensas, ainda que até o gozo. Uma zona de liberdade, anônimo, sem vigilância, sem o peso de ser pioneiro em nada. Podia acordar em uma vida com poucas obrigações, muitas possibilidades, uma população universitária do tamanho da população de sua cidade, e ainda tinha muito mais. "Em todos os lugares. Na balada, bares, na própria universidade, em todos os lugares" (RAFAEL, DC, 2015) ele se fazia conhecido. Rafael sabia que envolvimento mais profundos com outros homens lhe trariam demandas com as quais não gostaria de/poderia lidar. Criou então uma estilística do encontro, profundo enquanto durasse, mas sem arrependimentos e promessas, apenas presença e fluid(o)ez.

Rafael procura destacar aquilo que sabe sobre si, mas não em detrimento da verdade sobre si. Sujeito moderno que é, vincula-se ao conhecimento de si, mas o submete ao cuidado de si; pois, assume sua posição de sujeito como verdade e modo de vida, mas não se fixa nela, e sim se vincula ao presente, sem delimitar possibilidades para sua existência. Não se limita à demarcação de fronteiras, mas, constitui-se dos movimentos produzidos pelos seus encontros e experiências. Novamente, destaque-se que são as práticas culturais e os processos de subjetivação que instauram, inauguram e mantêm os espaços como políticos, como território de visibilidade da diferença, mas, também da normatização, da vigilância, do controle.

As ordens e normatividades são discursivamente impostas e objetivadas nos e para sujeitos, que por sua vez se constituem na relação de adequação, assimilação, antagonismo, conflito, aceitação (não necessariamente nessa ordem). Diz Nietzsche,

as naturezas ativas, bem-sucedidas, não agem segundo a sentença "conhece-te a ti mesmo", mas como se pairasse diante delas o mandamento: quer um si mesmo, e assim te tornarás um si mesmo. O

destino parece ter-lhes deixado sempre ainda a escolha; enquanto os inativos e contemplativos meditam de como, daquela vez e de uma vez por todas, ao entrarem na vida, escolheram (1991. p 336).

Entendemos que posições do sujeito que se configuram fora da norma colocam situação de escolhas para os sujeitos, no sentido nietzschiano do termo. Ou adequam-se ou resistem, resultado primeiro e conseqüente da existência do poder. A questão aqui são as experiências que esses sujeitos encontram-se. São seus dilemas em seguir em frente por meio da descoberta da transitoriedade dos processos de objetivação. A escolha de resistir coloca ao sujeito a contingência de visibilizar a verdade de sua existência para si e para os outros, pela construção de territórios de dissenso e de constituição de comunidades políticas. São essas algumas das práticas que os participantes de nossa pesquisa se utilizaram para inventar-se como sujeitos, para fazerem-se o que são.

Da(s) homossexualidade(s) como posição de sujeito(s)...

O existir? O real? A verdade? O pensamento? O racional? O intuitivo? Grandes perguntas da humanidade – sobre a existência, a realidade, a verdade, o pensamento, a razão, a intuição – resumem-se em outra pergunta: o sujeito? Há ou não um sujeito, um “eu”, uma entidade capaz de encarnar a presença? Na tentativa de resposta, aproximamo-nos aqui do sujeito postulado por Foucault, em seus últimos “ditos e escritos”, o sujeito da verdade, auto constituído pelas técnicas de si.

Ressaltamos que o próprio Foucault produziu deslocamentos na forma como via o sujeito, se em algum momento afirmou a “morte do homem”, certamente, em seus últimos cursos ele o ressuscita. Passa a afirmar um sujeito que, na relação com dadas práticas de cuidado na relação com o conhecimento, faz-se não mais pelas técnicas de dominação ou discursivas. Um sujeito da existência, mas com raízes históricas, éticas e imanentes, distanciando-se do projeto sartriano e de outras correntes filosóficas (nas quais a existência também é o mote dessas analíticas) (FOUCAULT, 2010).

Afirma Foucault, a respeito de uma tradição crítica dentro da filosofia moderna e contemporânea, nascida no iluminismo e nas teorias da revolução, de que “não se trata, nesse caso, de uma analítica da verdade. Tratar-se-ia do que poderíamos chamar de uma ontologia do presente, uma ontologia da atualidade, uma ontologia da modernidade, uma ontologia de nós mesmos” (2013, p. 21).

Neste artigo, portanto, nosso fazer analítico constituiu-se, enquanto pesquisadores e na experiência com sujeitos homossexuais interioranos, como um acontecimento. Trata-se de uma hermenêutica da invenção histórica de nós mesmos e dos participantes da pesquisa. Uma experiência na qual a verdade do fazer-se gay tornou-se possível quando voltada para o atual, a partir do encontro de modos de vida, para a delimitação dos territórios de existências possíveis e para práticas de liberdade.

Cartografamos a multiplicidade destas manifestações do sujeito, das possibilidades do conflito como constituinte das relações em um dado território. Lugar onde foram fabricadas posições aos sujeitos, produzindo em consequência resistências, possibilidades de constituição de espaços de lutas e de relações de poder em todo lugar. Assim, Jeraldi, Diego e Rafael, fundam e suscitam relações de poder enquanto resistência. Suas formas de se relacionarem com a verdade e com a norma configuram estratégias e contra estratégias produzidas pelos eles, exercendo suas possibilidades de práticas de liberdade em posições que ocupavam em um dado tempo e lugar.

Como sabemos, para Foucault (1995), a resistência coexiste ao poder, a ele se assemelha e se constitui - possuem uma reciprocidade indissolúvel. Eribon afirmara, a respeito de Foucault, que “resistência foi, desde o início, a um só tempo a motivação e o próprio objeto de todo o seu empreendimento intelectual” (2008, p. 297), fator que também nos inspirou a fazer uso desta analítica em nossa cartografia.

O sujeito é, para nós, topológica e existencialmente mais amplo que as identidades. De forma radical, não há problema que existam identidades, que alguém possa se dizer “eu sou negro” ou “eu sou gay”, a questão problemática está nas relações de poder e resistência a que os sujeitos estão imersos a partir de posições identitárias ou pós-identitárias. Nossa cartografia sustenta a tese de que o sujeito faz-se esteticamente e sensivelmente em um projeto ético-político de cuidado de si e de relações de poder (resistência/assujeitamento) muito concretos.

Em termos conceituais e epistêmicos, faz-se necessário ressaltar as inúmeras críticas dirigidas às expressões “homossexual/homossexuais” ou “gay/gays” (CÓRDOVA, 2006). Pensamos que o uso destas como categorias de análise e de visibilidade, além de seu potencial político (como uma posição de sujeito suscetível às violências, como nichos de mercado e nas demandas de direitos), tem sua relevância e pertinência. Reafirmamos que não as percebemos como categorias universalizantes e totalizadas ou totalizantes, em um sentido estrito.

Reiteramos que ao utilizarmos-nos das categorias/conceitos/expressões “homossexuais/homossexual” ou “gay/gays”, referimo-nos aos homens que vivenciam a homossexualidade como uma posição de sujeito. Esses homens se relacionam sexual, cultural, afetiva e eroticamente com outros sujeitos do mesmo gênero (ou sexo) e que assim se reconhecem e se autodenominam homossexuais. Entendemos a homossexualidade como constituinte e constitutiva de processos de subjetivação destes homens, pois há tantas formas de viver a homossexualidade quanto há homens.

A experiência da homossexualidade vivenciada pelos sujeitos participantes da pesquisa, e também por nós, permitiu-nos interpretar determinadas expressões discursivas e normativas dos dispositivos de assujeitamento nos processos de subjetivação de homens que se posicionam como homossexuais. As práticas culturais, os processos de subjetivação e os sentidos atribuídos aos sujeitos desviantes da masculinidade hegemônica (CONNELL, 1995) - que desejam e são possuidores de certas imagens e compreensões de si mesmos -, destacam a pluralidade da(s) própria(s) masculinidade(s) e da(s) corporeidade(s). O que nos aproximou do imaginário das cidades pequenas como corolário da homogeneidade sexual (ALÓS, 2010). Nossa, portanto, intenção não foi conceituar propriamente a homossexualidade, mas destacá-la como experiência, como um plano imanente de (des)territorialização e de produção de subjetividade ou de subjetivação, que exige determinadas ações no âmbito do político, na construção de verdades e de resistência ao heteronormativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. *Soc. estado.*, Brasília, v. 15, n. 2, Dec. 2000. Disp. <http://www.scielo.br/pdf/se/v15n2/v15n2a06.pdf>, acess on 26 Oct. 2012.

CONNELL, Raewyn. *Masculinities*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1995.

CÓRDOVA, Luiz Fernando Neves. *Trajétoias de homossexuais na ilha de Santa Catarina: temporalidades e espaços*. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

ERIBON, D. Reflexões sobre a questão gay. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FERRARI, A. Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo. *Rev. Bras. Educ.* 2004 Apr; 25(105-15). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000100010&lng=en&nrm=iso, Acessado em 25 De agosto de 2015.

FERREIRA, Paulo Rogers da Silva. *Os afectosmal-ditos: o indizível das sexualidades camponesas*. 2006. 173. f. Dissertação (Mestrado em Antropologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

FOUCAULT, M. *A história da Sexualidade: A vontade de saber*. Trad. Maria Therez da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 23ª impressão. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2013.

_____. *O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (19982/1983)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

_____. *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II. Curso no ollègedeFrance (1983-1984)*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. *A arqueologia do saber*. Tradução de L. F. B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. de Márcio Alves da Fonseca e Salma TannusMuchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Ditos escritos*. Editora Forense. Vol. V. 2004b.

_____. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995

GEBARA, Ivone. “Apresentação. A dança de Eros ou o desejo do É...” Estudos Bíblicos, n. 38, 2001.

LOPES, Charles Roberto Ross. SEFFNER, Fernando. *Seja gay... mas não se esqueça de ser discreto*: produção de masculinidades homossexuais na Revista Rose (Brasil, 1979-1983). Seffner, Fernando (orientador) (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2011. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/32309>, acessado em 17/08/2015)

MOTT, Luiz. *Crônicas de um gay assumido*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

NIETZSCHE, F. *Humano demasiado humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

POCAHY, Fernando (Org.) *Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea. Políticas, teoria e atuação*. Porto Alegre: Nuances, 2007

RAMOS, S., CARRARA, S. A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 16(2), 2006. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312006000200004>, acessado em 20 de agosto de 2015.

RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: EXO experimental. Ed. 34. 2000

ROCHA, Silvia P. V. Tornar-se quem se é: a vida como exercício de estilo. In.: LINS, Daniel (Org.). *Nietzsche/Deleuze: arte, resistência: Simpósio Internacional de Filosofia - 2004*. Rio de Janeiro: Forense; Fortaleza: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007.

SCHENKEL, Klara Maria. *Da voz passiva à homossexualidade: análise de alguns procedimentos de leitura no vestibular / Klara Maria Schenkel. - - Campinas, SP: [s.n.], 2003*. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000349562&fd=y>, acessado em 03/03/2016.

SCOTT, Joan. Igualdade versus diferenças: o uso da teoria pós-estruturalista. *Debate Feminista* (Cidadania e Feminismo), número especial, 203-222. Ano: 1999.

VEYNE, P. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa* [trad. Marcelo Jacques d morais] – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

WELZER-LANG, D. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo, pp. 107-128. In MR Schpun (org.). *Masculinidades*. Boitempo Editorial-Edunisc, São Paulo-Santa Cruz. 2004.